O Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de port m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral do correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 397

1 DE JANEIRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

A ACCLAMAÇAO — SUAS MAGESTADES EL-REI D. CARLOS I E RAINHA D. MARIA AMELIA

(segundo photographias de Bobone)

CHRONICA OCCIDENTAL

As festas da acclamação de el-rei D. Carlos foram cortadas por um acontecimento profundamente triste e desolador — a morte de Sua Magestade a imperatriz do Brazil.

No dia da acclamação de El-Rei, quando á noite toda a gente se dirigia para o theatro de S. Carlos, para assistir á recita de gala, que tanto enthusiasmo despertara em Lisboa, encontrou o theatro fechado, e á porta um letreiro escripto em lettra de mão e allumiado por duas velas dizendo, que por ter morrido no Porto Sua Magestade a Imperatriz do Brazil e por ordem superior não havia n'essa noite espectaculo.

Calcula-se facilmente o effeito enorme produzido por esse inesperado contrannuncio. Como não podia deixar de ser, ou não fosse a natureza humana essencialmente egoista, a contrariedade de não haver n'essa noite o espectaculo para que toda aquella gente se tinha preparado, para que tinha adquirido bilhete a pezo de ouro e á força de empenhos, foi no primeiro momento superior á gravidade dolorosa, profundamente triste, da causa que motivara essa contrariedade; mas depois, quando accalmados os nervos da impressão de descontentamento, de desillusão que esse contrannuncio causava em todos aquelles que iam para uma festa e davam com os narizes na porta, se começou a pensar no lugubre motivo, não houve ninguem, que se não sentisse profundamente compungido por essa enorme tragedia, que se desenlaçara tão subita e imprevistamente n'um modesto quarto de hotel no Porto.

E então toda a gente correu persurosa a saber promenores d'essa morte, que vinha ferir tão inopinadamente, tão mortalmente, esse pobre velho que a revolução brazileira semanas antes ferira tão cruamente, arrojando-o para fora do seu throno e da sua querida patria, e toda a gente se sentiu novamente impressionada por essa estranha fatalidade, que se desencadeava brutalmente sobre esse pobre imperador, como que para justificar mais uma vez esse terrivel axioma da sabedoria das nações — de que uma desgraça nunca vem sósinha.

O telegrapho noticiara ha dias que Sua Magestade a Imperatriz estava incommodada de saude, mas nem a noticia d'essa enfermidade, nem a propria enfermidade inspiravam grandes receios. A Imperatriz era uma cardiaca: as profundas commoções que os ultimos acontecimentos do Brazil lhe causaram, a fadiga da sua precipitada viagem, aggravaram-lhe como não podia deixar de ser, o seu mal; entretanto nada fazia prever que esse aggravamento trouxesse um desenlace fatal tão breve e tão rapido.

No dia 28 de manhã o estado da imperatriz era melhor, a enferma parecia muito mais tranquilla e tanto que o imperador perfeitamente descançado e sem a mais ligeira preoccupação grave ácerca de sua esposa a quem idolatrava, sahiu em *landeau*, como costumava para visitar alguns estabelecimentos do Porto.

Momentos depois do imperador sahir a imperatriz começou a sentir-se peior, e essas peioras foram tão rapidas, que a imperatriz pediu um padre para se confessar.

Mandou-se immediatamente chamar um padre e um medico, o abbade de Santo Ildefonso e o dr. Maia, mas quando ambos chegaram a imperatriz estava já morta.

E entretanto o imperador andava muito despreoccupadamente a vêr a Academia das Bellas Artes, sem suspeitar sequer que n'esse momento a adorada companheira de toda a sua vida exhalava o ultimo suspiro longe de todos os seus.

Avisado pelo Consul do Brazil de que a Imperatriz estava peior, o Imperador muito commovido sahiu da Academia e dirigiu-se a toda a pressa para o hotel.

Quando lá entrou só poude ver o cadaver de sua esposa.

Comprehende-se a dilacerante dôr do pobre velho exilado e viuvo.

As lagrimas correram-lhe em fio, e pallido, tão pallido como a morta que estava defronte d'elle, Sua Magestade murmurou com uma santa resignação:

— Conformemo-nos com a vontade de Deos. O que mais sinto é não estar aqui minha filha, mas quero que ella beije a mão de sua mãe.

Em seguida o Imperador telegraphou a Sua Santidade o papa Leão XIII pedindo-lhe a benção apostolica para a Imperatriz, e recolheu-se ao seu quarto profundamente abatido.

A morte da Imperatriz causou profunda consternação no Porto; os theatros fecharam logo as suas portas e as illuminações foram apagadas por ordem da auctoridade.

As ultimas palavras da Imperatriz foram para abençoar seus filhos e netos e antes de cerrar para sempre os labios, disse:

— Brazil! Terra tão boni a! Não me deixam lá voltar!

O cadaver de Sua Magestade foi embalsamado pelos drs. Motta Maia, Ricardo Jorge, Azevedo e outros, e exposto no quarto armado em camara ardente depois de vestido com os trajos de gala de imperatriz dentro d'uma urna funeraria, com tampa de vidro, que foi mandada buscar a Lisboa.

A's horas em que escrevemos ainda não ha nada definitivamente decidido ácerca do funeral, mas parece que no Porto se farão exequias solemnes de corpo presente na egreja da Lapa, vindo depois o cadaver para Lisboa onde ficará depositado no pantheon de S. Vicente.

Sua Magestade o Imperador acceitou o offerecimento que lhe repetiu o rei de Portugal d'um dos seus palacios para se alojar no nosso paiz e parece que virá viver algum tempo para o palacio das Necessidades.

O estado de saude do Imperador é muito melindroso e o enorme desgosto que acaba de supportar deu-lhe, como não podia deixar de ser, profundissimo abalo.

A noticia da morte da Imperatriz foi enviada para todas as côrtes da Europa e para o Brazil, e o Imperador tem recebido telegrammas de condolencia de quasi todos os chefes d'Estado, distinguindo-se pela affabilidade dos seus termos o do presidente da Republica Franceza.

Sua Alteza o Infante D. Affonso partiu no Domingo á noite para o Porto, a dar os pezames ao Imperador seu tio, voltou para Lisboa na terça-feira de manhã, e deve partir de novo para o Porto na quarta-feira á noite para assistir aos funeraes da Imperatriz que se devem realisar na quinta-feira, e acompanhar o cadaver para a capital.

Este lugubre acontecimento, coincidindo com a acclamação de El-Rei de Portugal veio lançar uma nota triste nas festas com que Portugal celebrava o advento do seu novo rei, festas que eram feitas com a pompa e o brilho usados n'estas festas officiaes, e das quaes a mais brilhante seguramente a recita de gala em S. Carlos se não poude levar a effeito por causa d'esse luto inesperado.

A acclamação realisou-se segundo as praxes do estylo sendo extraordinaria a concorrencia de assistentes nas côrtes.

Sua Magestade a Rainha, que na vespera fôra accommetida de febre intensa e que os jornaes da manhã disseram não poder assistir á ceremonia, compareceu, apesar de bastante incommodada ainda e a sua presença deu á festa um grande brilho e realce. Sua Magestade trajava uma elegantissima toilette branca e ouro e um sumptuoso manto real, azul bordado a ouro d'um grande valor e de notavel bom gosto e preso por dois *agraffes* de brilhantes, um diadema de brilhantes na cabeça e um fio de brilhantes ao pescoço.

Formosissima n'esta esplendida *toilette*, Sua Magestade a rainha encantou toda a gente pelos seus modos simples e affaveis, pela gentileza graciosa e amabilissima com que agradeceu a todas as manifestações de estima e de sympathia de que foi alvo.

El-Rei, vestindo de generalissimo, com manto real, prestou o juramento do estylo com voz clara e firme e perfeitamente audivel e leu o pequeno discurso que lhe foi apresentado pelo sr. presidente do conselho. O discurso de resposta foi lido pelo sr. presidente da Camara dos Pares e teve o defeito de ser um pouco longo de mais.

Das côrtes Suas Magestades dirigiram-se para S. Domingos a assistir ao *Te-Deum* e d'ahi para a Camara Municipal onde se realisou a ceremonia da entrega das chaves da cidade.

Á noite houve illuminações, sendo a mais notavel d'entre ellas a da Camara Municipal.

Causou estranheza bem justificada a falta de coherencia entre essas illuminações festivas nos edificios publicos, e a manifestação de luto dada em S. Carlos com a suppressão da recita de gala.

Effectivamente não se comprehende muito bem esse lucto em S. Carlos e ao mesmo tempo as luminarias nos edificios do estado, e as musicas tocando festivas nas esplanadas dos quarteis.

No domingo realisou-se a parada em que tomaram parte sete mil homens.

El-Rei passou revista ás tropas no Terreiro do Paço, seguindo depois acompanhado pelo seu estado maior para a Avenida, onde estava n'uma tribuna Sua Magestade a rainha, corpo diplomatico e côrte.

El-Rei acompanhado pelo archiduque d'Austria, que veio representar o Imperador nas festas da acclamação, postou-se com o seu estado maior em frente da Tribuna para assistir ao desfilar das tropas, desfilar que levou duas horas.

O corpo de marinheiros apresentou-se excellentemente e foi acolhido com palmas e bravos pelo publico em varias ruas.

Finda a parada El-Rei a cavallo seguido pelo seu estado maior dirigiu-se para o paço de Belem. Sua Magestade a Rainha foi em carruagem aberta acompanhada por duas das suas damas, a sr.ª Condessa de Sabugosa e D. Josepha Sandoval.

Quando a rainha desceu da tribuna, na Avenida e entrou para a carruagem, houve muitos vivas.

Na rua do Ouro foram arremeçadas flores sobre a carruagem da rainha.

Á noite houve jantar de 200 talheres no Paço de Belem e assim terminaram as festas da acclamação de El-Rei D. Carlos I.

Que esse reinado seja muito prospero e brilhante é o que nós sinceramente desejamos.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

A ACCLAMAÇÃO

SUAS MAGESTADES EL-REI D. CARLOS I E RAINHA D. MARIA AMELIA

Conforme estava determinado consumou-se, no dia 28 de dezembro findo, o grande acto da acclamação solemne do novo Rei de Portugal D. Carlos I.

O Occidente registando este facto altamente importante da historia patria, abre a primeira pagina d'este numero e do seu 13.º anno de existencia, com o retrato de El-Rei D. Carlos e sua augusta esposa, ostentando toda a belleza natural da sua gentil figura, realçada pelas galas com que se adornou para assistir á grande festa da nação.

El-Rei D. Carlos I confirmando agora, no meio da representação nacional, o juramento que fez em 19 de outubro sobre o corpo ainda tepido de seu augusto pae, inaugurou definitivamente um novo reinado em Portugal, e que elle seja a digna continuação do reinado precedente, é o que todos os portuguezes desejam.

Os poucos factos biographicos que por hora apresenta a vida dos jovens monarchas, são já conhecidos dos nossos leitores, e por isso não nos alongaremos em repetições.

Saudemos, portanto os novos reis de Portugal, e que o seu reinado faça a dupla felicidade dos monarchas e do paiz.

A CEREMONIA NO PALACIO DAS CORTES

Foi pelas 11 horas e meia da manhã que Suas Magestades chegaram ao palacio das cortes, tendo logo em seguida principio a ceremonia do juramento e depois a acclamação.

No nosso proximo numero publicaremos desenhos d'este acto solemne, o que não fazemos hoje por falta de tempo para os concluir, e acompanharemos então, esses desenhos com algumas palavras que melhor os completem.

A ENTREGA DAS CHAVES DA CIDADE, NOS PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA

Esta ceremonia antiga, que nos reinados de El-Rei D. Pedro V e D. Luiz I, ainda se realisou em pavilhões armados expressamente para esse acto, na Praça do Commercio, verificou-se d'esta vez na sala nobre dos paços do concelho, o que, se privou o publico do grande espectaculo que a Praça do Commercio offerecia n'essas occasiões, não deixou por isso de ter menos imponencia a ceremonia.

Effectivamente tendo hoje o municipio de Lisboa um bom edificio para celebrar as suas reuniões e actos solemnes, era inutil e insensato pôr de parte o seu bello palacio, e ir armar na praça do Commercio um pavilhão de madeira forrado de lonas pintadas, para n'elle receber El-Rei e lhe prestar as suas homenagens.

E' esse edeficio em toda a magestade da sua architectura que a nossa gravura representa.

Deu-se principio á sua construcção em 29 de outubro de 1866, sendo presidente da camara o barão de Santa Engracia.

O projecto foi dos architectos Pezarat e Domingos Parente, mas se hoje se fosse comparar o projecto com o que está edificado, não se reconheceria a obra, taes foram as alterações que soffreu até sua completa conclusão.

O edificio consta de dois pavimentos alem do terreo, e tem quatro faces, cuja principal deita sobre a praça do Municipio, antigo largo do Pelourinho, deitando as outras tres para a rua do Arsenal, pelo lado sul, para a rua Nova d'El-Rei (vulgo Capelistas) pelo lado norte, e para leste para uma de passagem entre a rua do Arsenal e Nova d'El-Rei.

Fez-se a construcção sobre as ruinas do antigo edificio do senado mandado construir pela camara em 1770, e que um incendio occorrido em a noite de 19 de novembro de 1863 destruio completamente, achando-se ali estabelecido o Banco de Portugal.

N'este mesmo edificio estivera alojada em tempos a Casa dos Vinte e Quatro, occupando a parte que deita para a rua do Arsenal; e a rainha D. Maria I com seu filho, o Principe Regente D. João tambem habitou por algum tempo na parte d'este edificio com frente para a rua Aurea, havendo então um passadiço que a communicava com o predio fronteiro para a rua Augusta até onde se estendia a habitação.

Vê-se por isto que já no seculo passado n'aquelle mesmo sitio estabelecera a camara os seus paços.

O edificio que hoje se ergue tem toda a magnificencia de um palacio, na sua apparencia exterior, e dizemos exterior, porque interiormente, embora a ornamentação de suas salas seja rica, o limitado espaço em que tiveram de se edificar não lhes premittiu dar toda a grandeza precisa.

A escada nobre é uma das bellezas d'este edificio, tanto pela sua vastidão, como pela architectura grandiosa de que se compõe. Um lanço principal dá accesso a dois lanços em que a mesma a meio se desdobra, um para cada lado, entrando-se n'uma galeria que corre em volta e tem quatro lados. Esta galeria é composta de bellos arcos sustidos por columnas quadrangulares e sobre estes ergue-se uma elegante cupula com lanternim que illumina toda a escada.

Para a festa real esta escada foi toda ornamentada com grandes plantas, que produziam bello effeito decorativo.

A sala Nobre, ou a das sessões solemnes da camara, onde se realisou a cerimonia da entrega das chaves da cidade, é a que deita as janellas para a praça do Municipio. E toda ornamentada em estylo rico da renascença, avultando talvez em demasia as douraduras.

N'esta sala foi armado o throno real. Vêem-se n'ella os retratos em ponto grande de José Estevam e Mousinho da Silveira, pintados por José Ferreira Chaves, Alexandre Herculano e Fernandes Thomaz, pintados pelo fallecido retratista José Rodrigues, e o grande quadro de Lupi, representando o Marquez de Pombal tratando da reedificação de Lisboa.

No tecto ha varios medalhões pintados de homens celebres nas letras, nas artes e no foro, portuguezes.

Todas as mais salas do edificio são mais pequenas do que esta á excepção da sala das sessões ordinarias, que é do mesmo tamanho, são, porém todas custosamente decoradas com relevos e pinturas de muito apreço.

A PARADA

No dia seguinte ao da acclamação, realisou-se a revista ás tropas, passada por Sua Magestade El-Rei, na rua 24 de julho e praça do Commercio.

El-Rei trajava o uniforme de generalissimo, e montava um excellente cavallo, conforme se vê na nossa gravura, feita por um novo processo, invenção do sr. Roque Gameiro e que pelo que se póde vêr dá um magnifico resultado.

No proximo n.° publicaremos alguns *croquis* da revista militar e do desfilar das tropas na Avenida da Liberdade.

O CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

O MAJOR SERPA PINTO E OS LIMITES PORTUGUEZES EM AFRICA

Como é geralmente sabido, de ha muito que as possessões portuguezas d'Africa são motivo de repetidas questões internacionaes, principalmente com a Inglaterra, cujas pretenções sobre a nossa Africa Oriental não tem limites, por mais tratados e convenções que se façam.

Evidentemente o defeito não é nosso, porque Portugal, na sua modesta e honrada vida, tem sempre sabido sustentar e respeitar os tratados a que uma vez se obrigou, portanto todas as reclamações que lhe fazem de vez em quando, são na sua maioria injustas e mal fundadas, tendo unicamente em myra interesses pessoaes que seriam, porventura muito respeitaveis, se não attentassem contra direitos estabelecidos e ao abrigo dos tratados que para os salvaguardar se firmaram.

Os limites portuguezes em Africa acham-se hoje perfeitamente definidos, e só a Inglaterra não tem querido reconhecer esses limites na parte oriental, como se ella tivesse alguns direitos ulteriores a questionar com Portugal na Africa, desde que foram os portuguezes quem primeiro devassaram a Africa inteira e n'ella estabeleceram seus dominios.

Os inglezes não tem ali descoberto um palmo de terra e tudo quanto lá possuem o tem adquirido ou pela violencia ou por concessões mais ou menos voluntarias.

Inutilmente os seus missionarios protestantes tem percorrido um e outro ponto d'Africa, para cachetisarem aquelles povos, e obterem vassalagens para a corôa de Inglaterra, e uma ou outra tribu que tem accedido ás suas pretenções, em breve se arrepende de o ter feito, preferindo a soberania de Portugal que conhece ha seculos.

Esta falta de prestigio inglez nas regiões africanas irrita os nossos alliados, e então recorrem á força, sem attender aos direitos seculares que Portugal tem sobre a Africa e aos territorios que se acham sob a sua soberania.

Foi assim que se levantou a questão, sobre o estabelecimento do novo districto do Zumbo, que como se vê pelo mappa que publicamos está dentro dos limites portuguezes.

E quando ainda não sufficientemente explicada a reclamação da Inglaterra sobre este ponto, surge novo conflicto, porque Serpa Pinto batera os makololos que se lhe oppunham á sua passagem e lhes tomou duas bandeiras inglezas que os mesmos traziam.

Como tambem se vê no nosso mappa, os makololos, estão dentro dos territorios portuguezes, e portanto fóra da alçada ingleza.

N'estas condições as bandeiras inglezas encontradas nas mãos de uns selvagens que estão sob a soberania de Portugal, não podiam ser reconhecidas pelas auctoridades portuguezas para os effeitos legaes, e se os makololos as perderam é porque as não souberam defender, do que nos parece Portugal não tem culpa.

O que ha, porém, de mais curioso ainda n'este caso, é que essas bandeiras, foram ali levadas por um agente inglez da companhia dos lagos, o qual para poder transitar pelas terras dos makololos, pedira a protecção das auctoridades portuguezas de Moçambique.

O modo como Serpa Pinto procedeu é já hoje bem conhecido por correspondencias do logar do conflicto, incluindo as do proprio explorador.

Consta que o valente official do nosso exercito soube defender briosamente a soberania de Portugal contra a insubordinação dos makololos, e que para isso desenvolveu uma actividade extraordinaria, na reunião das forças necessarias e aprestos de guerra, para submetter os revoltosos, conseguindo pacificar toda aquella região e deixar livre a passagem para os lagos e sufficientemente garantida.

N'isto prestou serviços aos proprios inglezes, de que conserva honrosos documentos os quaes apresentará logo que chegue a Portugal.

A imprensa ingleza, instigada pelos interesses dos commissionarios inglezes das companhias commerciaes em exploração na Africa oriental, tem dado a este conflicto maior vulto do que elle na realidade tem, mas a verdade e a justiça hão-de triumphar por fim, porque o governo inglez não se póde tornar cumplice das intrigas urdidas pelos mercenarios inglezes, e tão ruidosamente propagadas pela imprensa ingleza, e hade proceder em harmonia com a justiça e prudencia proprias da sua nobreza.

DE HERODES PARA PILATOS

Manuel F... Horacio, como lhe chamavam os seus amigos e como eu lhe chamarei, era um marido feliz, digno de ser invejado por todos os maridos do universo.

Sua mulher era formosa, o que nada tem de raro; amavel no lar domestico, o que se vê algumas vezes; prudente, o que não se dá com frequencia.

Horacio sahia de casa e voltava a certas horas, recebendo um estreito abraço ao partir e outro ao regressar, sem ser interrogado nem increpado, nunca contrariado emfim.

Horacio chamava a attenção pela perfeita alvura da sua camisa, pelo laço irreprehensivel da gravata, pelo lustro do chapéo e pelos botões do casaco, dos quaes nunca faltava nenhum.

Feliz Horacio! Porque não morreste na vespera do dia em que começa esta horrivel historia! Ter-se-hia offerecido ao mundo da verdade um espectaculo edificante: o de um marido que se lamenta de deixar a sua cara metade no mundo da mentira.

Um dia, Clara, a consorte, disse ao marido:

«Meu Manuel: o céo está puro; o sol radiante; vai dar um passeio, que te ha de fazer bem.

Horacio seguiu machinalmente este conselho. No caminho pôs-se a reflectir, e pensou que o tal conselho não estava em perfeita harmonia com o procedimento observado até então por Clara, que era o de lhe deixar completa liberdade nas suas acções

«Porque me mandaria passear? disse elle comsigo, não sem uma vaga inquietação.

Apesar da pureza do céo e dos brilhantes raios do sol, Horacio deu um passeio pequeno.

Quando entrou em casa, estava Clara a escrever.

Por mais rapidamente que ella deixou cahir para a gaveta um papel e a fechou mettendo a chave na algibeira, a operação não passou desapercebida para Horacio.

«Porque esconderia Clara aquelle papel? pensou Horacio.

Clara affectou levantar-se com presteza para receber o osculo conjugal. O rosto avermelharase-lhe como o de um collegial surprehendido em flagrante delicto de diabrura.

Horacio continuou a dizer comsigo:

«Porque córaria Clara?

Mas convencido de que a verdade sahiria difficilmente dos labios de uma mulher apanhada em falta, guardou para si tanto *porque*, dissimulou os receios sob um aspecto risonho, e propôs-se empregar todos os recursos da sua intelligencia para a averiguação d'aquelle mysterio.

Serviu-o melhor a casualidade que todas as astucias de que se valeu durante oito dias sem nada conseguir.

Certa manhã, ao vestir uma camisa lavada, notou Horacio, estremecendo, que lhe faltava um botão.

Esta falta de um botão, a primeira que se dera depois que casara, pareceu-lhe cruelmente significativa.

Correu ao quarto de Clara: estava deserto.

Aproveitando a occasião, procedeu a um rigoroso exame em todos os moveis. As mãos esbarraram com o rascunho de uma carta; a lettra era de Clara. Leu:

«Meu amor: Quando te escrevo, parece que respiro um ar mais puro, e que mil perfumes se evolam do papel a que eu confio os meus intimos pensamentos. Até o zumbido da mosca que voa cerca dos meus ouvidos encerra thesouros de harmonia! O sonho encantador! Se penso em que hei de despertar d'elle com a enojosa idéa de que tenho um marido...»

Horacio cahiu aterrado sobre uma poltrona.

«Mato esta perfida! exclamou.

E começou a andar pelo quarto em todas as direcções, descrevendo os mais caprichosos ziguezagues. Momentos depois d'este fogoso exercicio, imagem fiel do pensamento que o preoccupava, parou para rectificar a sua anterior exclamação d'este modo:

«Mato os dois perfidos!

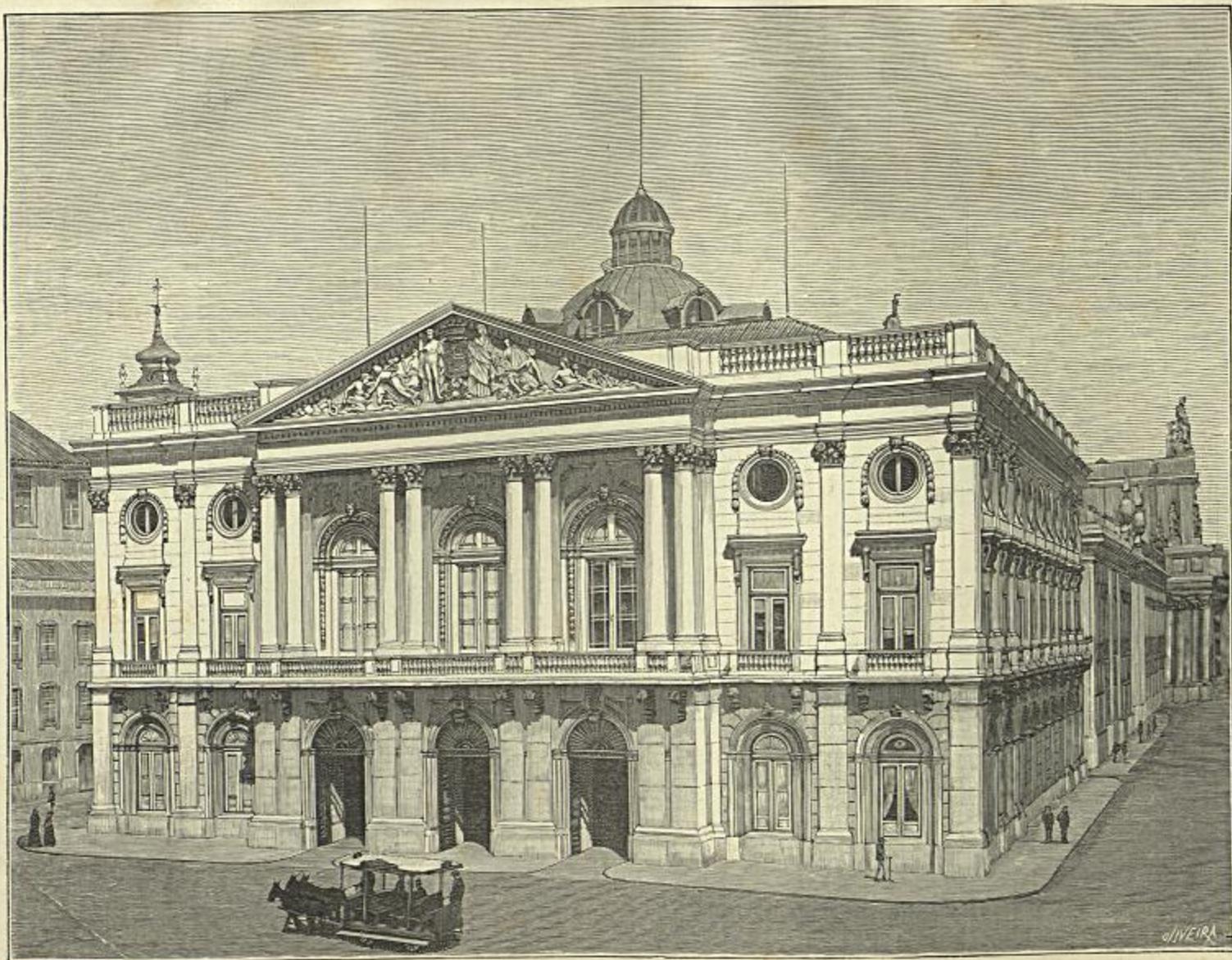
Não tractava já senão de pôr-se a coberto com a excusa legal, surprehendendo os culpados.

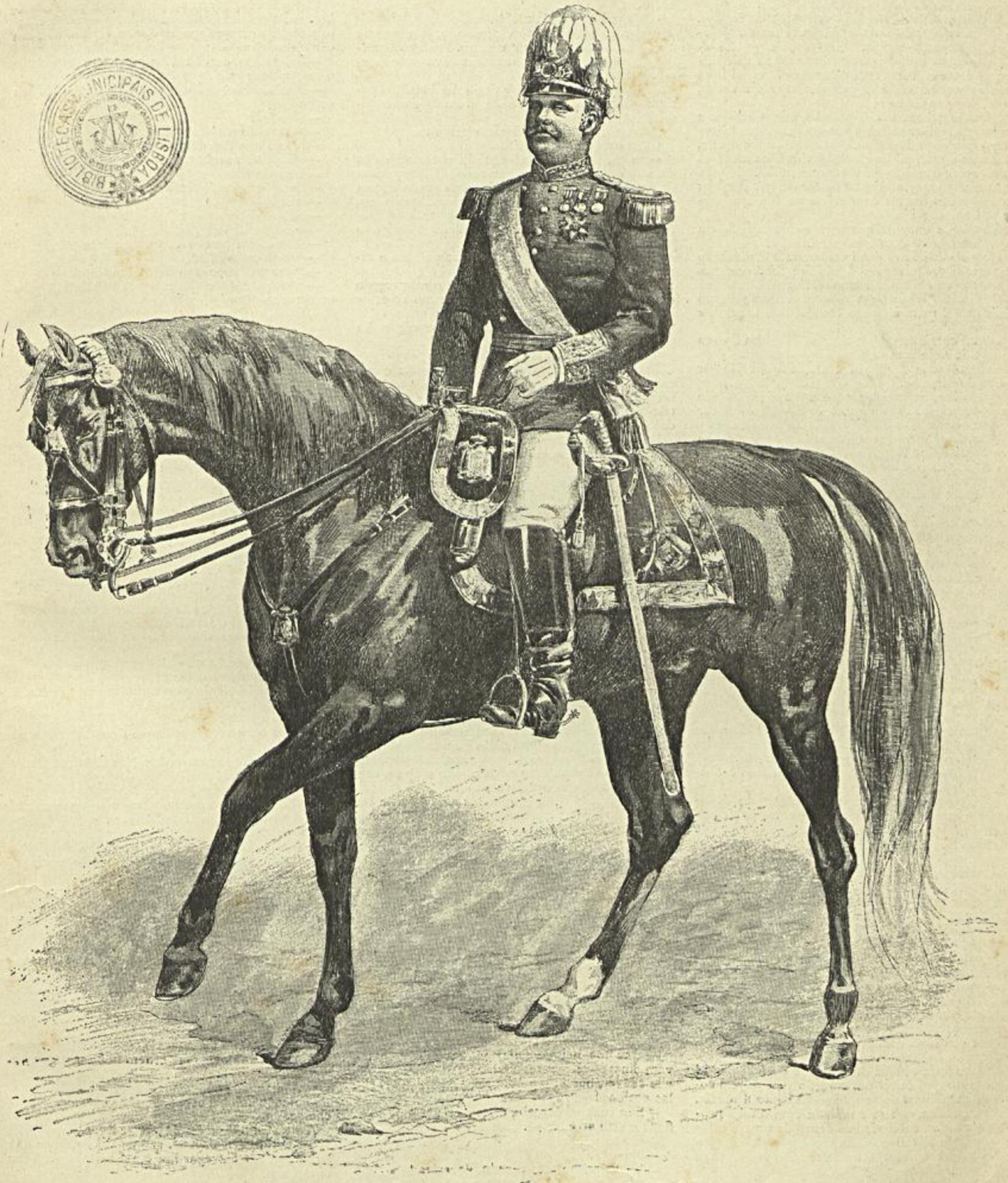
Não mencionarei os ardis, laços, emboscadas, marchas e contramarchas que occuparam inutilmente toda uma semana a agitada existencia do infeliz Horacio. Desalentado, perdida a sua tranquillidade, fez soffrer ao seu pensamento fixo uma segunda modificação, e uma manhã prorompeu:

«Hei de matar a perfida e depois matar-me-hei a mim!

Resoluções semelhantes não se adoptam com serenidade e sangue frio. Horacio entrou em um café, para refrescar com uma limonada o sangue que lhe fervia nas veias; e como a limonada não produzisse effeito rapido, precipitou-se... sobre o folhetim de um jornal que estava em cima da mesa.

O folhetim intitulava-se: *Um amor fatal*. O heroe do conto escrevia á heroina o seguinte:

«Meu anjo: não me fales do ar que respiras, do

OS PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA, ONDE SE REALISOU A CERIMONIA DA ENTREGA DAS CHAVES DA CIDADE A EL-REI D. CARLOS I
(Photographia de Rocchini)

A ACCLAMAÇÃO

SUA MAGESTADE EL-REI D. CARLOS I, NA PARADA DO DIA 29 DE DEZEMBRO DE 1889.

papel a que confias os teus pensamentos, do zumbido da mosca que esvoaça perto dos teus ouvidos, nem do teu extase encantador. Tenho ciumes de tudo, percebes? e principalmente do teu marido...»

Horacio ficou absorto. Não leu, não quiz ler mais. Evidentemente o que tinha deante dos olhos era uma resposta á carta cujo rascunho encontrara no quarto de sua mulher.

Aquella escolha de phrases exactamente parecidas, aquelle conjuncto de ar, papel, mosca e marido, não lhe deixavam a menor duvida.

A casualidade não produz tantas coincidencias.

Horacio, debaixo da apparencia de um folhetim, vislumbrou um mysterio desolador. A mulher, o amor, o diabo, esse eterno mau conselheiro, não teem por ventura no seu arsenal uma inexgotavel provisão de incriveis tramas, astucias, ardis sempre novos?!

Horacio achou, em conclusão, que o amante a quem sua mulher escrevia era um redactor do jornal, e que este imaginava, de accordo com ella, esse meio original de responder ás suas missivas sem correr o perigo de compromettel-a.

Naturalmente, a idéa de *matar os dois perfidos* tornou a substituir a de matar a perfida e matar-se a si em seguida.

Mas onde encontrar o sujeito que assignava a sua obra apenas com tres estrellinhas?

Horacio dirigiu-se precipitadamente á redacção do periodico, e foi recebido pelo director do mesmo.

«Sr... eu chamo-me Manuel F...

O director levantou a cabeça, contemplou um momento o rosto alterado do seu interlocutor, e sorriu.

«Ora, continuou Horacio, no folhetim do seu jornal, de hoje commetteu-se uma infamia.

Segunda contemplação e segundo sorriso por parte do director.

«Peço-lhe, proseguiu Horacio, e se é necessario exijo-o, que me diga o nome do culpado escriptor que se occulta sob tres mysteriosas estrellinhas.

O director sorriu por terceira vez, e por terceira vez contemplou Horacio.

«V. Ex.ª manga commigo! gritou Horacio desorientado.

O director abriu por fim a bocca, para dizer:

«Não senhor. Quer V. Ex.ª seguir um conselho que vou dar-lhe?

«Que conselho é esse?

«O culpado escriptor, como V. Ex.ª lhe chama, achava-se aqui ha um instante, e eu aconselhei-o a que falasse francamente com V. Ex.ª, pelo que supponho que a esta hora o estará esperando em sua casa. Dirija-se pois V. Ex.ª ahi, e ao entrar abra-lhe os braços...

«Para afogal-o?

Para lhe agradecer, pela honra que, como é natural, recahirá sobre o nome de V. Ex.ª. Deve tambem V. Ex.ª exigir-lhe que renuncie ás sombras do mysterio em que se envolve, e...

«V. Ex.ª é casado?

«Sim, senhor.

«Então, não extranhe V. Ex.ª que lhe diga que para um homem casado é mais que vergonhoso o conselho que V. Ex.ª se atreve a dar-me.

E Horacio voltou as costas e sahiu com o chapéo na cabeça.

Não conseguira averiguar o nome do delinquente; mas sabia pelo menos que, se eram certas as palavras do director, não podia deixar de encontral-o em sua casa, chegando opportunamente.

A sêde de vingança fez-lhe nascer azas nos pés.

Entrou no quarto de Clara como uma bala de artilheria:

Ninguem!

Depois de empregar alguns minutos em revolver vestidos, saias e outros objectos de uso da sua metade, chegou-lhe aos ouvidos o ruido de uma porta que girava nos gonzos no quarto contiguo, logo o de passos precipitados, movimento de cadeiras, e passados momentos o som de uma voz que reconheceu pela de Clara.

Esta voz dizia com entoações de particular doçura:

«Estou louca, louca de alegria e de felicidade! Será certo que existe um coração que palpita como o meu, uma alma que sente como a minha, um ser, emfim, que se confunde com o meu proprio ser! Mas, serei victima acaso de uma d'essas illusões que se desvanecem um dia e que o unico refugio que deixam é a morte? Amas-me, meu anjo, amas-me?

O rosto de Horacio purpureou-se; os punhos contrahiram-se-lhe; inundou-o um suor frio, e o coração soffria uma angustia dolorosa.

Uma voz abarytonada, de timbre especial, respondeu:

«Amar-te e morrer, esse é o meu ideal!

Horacio não se conteve mais; precipitou-se fóra do quarto, e... estacou, estupefacto, a dois passos de Clara.

Clara estava só. Sentada a uma secretaria, escrevia, riscava, emendava com uma mão e com a outra coçava a cabeça.

«Estavas ahi? perguntou ao marido, voltando-se, e no tom mais tranquillo do mundo.

Horacio, aparvalhado, olhava alternativamente os moveis, as cortinas, as janellas, o chão e o tecto.

«Que procuras, Manuel!

«Procuro... balbuciou o marido. E a sua voz tomou um accento melodramatico. Procuro aquelle que estava dizendo á senhora: *Amar-te e morrer, esse é o meu ideal!*

«Amar-te e morrer, esse é o meu ideal! repetiu a mesma voz abarytonada, tremula e commovida.

«Eras tu? exclamou Horacio attonito.

Clara deu uma gargalhada.

«Era eu, sim, que uso, segundo o requerem as circumstancias, a voz de barytono, de soprano ou de contralto. Estava a ensaiar uma scena de um conto meu. Se algum dia escreveres, como eu, contos para folhetim, recommendo-te este methodo. Não imaginas quanto o dialogo com isso ganha.

Clara fez a confissão que lhe aconselhara o director do jornal.

Mas Horacio não experimentou o movimento de prazer, de satisfação, que o mesmo director lhe annunciara.

O que sentiu foi um estremecimento que lhe percorria todo o corpo.

Tinha por mulher... uma musa!

Uma musa que rasgava o véo do anonymo; que amontoaria quartos sobre quartos; que o mandaria á redacção, á imprensa, a casa dos noticiaristas; que lhe confiaria a delicada missão de emendar as provas, que etc., etc..

Isto era ir de *Herodes para Pilatos.*

E não faltará quem creia, pois ha de tudo no mundo, que, mal por mal, Horacio teria preferido ficar com *Herodes.*

Eu... eu lavo as minhas mãos como *Pilatos.*

Terencio

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XX

—O sr. major manda dizer que diga o que quer, ou então que volte mais tarde porque não pode fallar-lhe agora, disse a Rita ao Quim Barradas, repetindo textualmente o recado do seu patrão.

—Hein? rugiu o Quim n'um impeto que fez recuar apavorada a cosinheira do major Rodrigues.

—Hein? repetiu com novo rugido o Quim vendo que a criada não lhe respondia.

E como ella não respondesse ainda a esse seu segundo rugido, interpellou-a, como que não acreditando bem no que os seus ouvidos tinham ouvido da primeira vez.

—Elle disse-lhe isso?

—Disse, sim senhor, confirmou a Rita a tremer como varas verdes.

—Disse-lhe que mandasse dizer o que queria?

—Sim senhor.

—Ou que voltasse logo?

—Sim senhor.

—Porque não podia fallar-me agora?

—Sim senhor, foi isso mesmo o que o senhor major disse.

—Pois bem, tornou o Quim dominando-se, serenando um pouco, diga-lhe então que nem lhe mando dizer o que quero, nem volto logo.

—Mas...

—Que lhe hei de fallar já, e que se elle não vem immediatamente aqui, vou lá dentro, onde elle estiver, buscal-o pelas orelhas, percebeu? Pelas orelhas!

—Sim senhor, percebi, disse a criada muito enfiada e sem arredar pé.

—Então vá.

—Mas...

—Vá levar-lhe este recado, depressa!

—E' que eu não me atrevo a dizer isso ao sr. major.

—Não se atreve?

—Não senhor. Credo! Se eu lhe dissesse isso, ia ahi tudo raso.

—Pois se não se atreve vou eu dizer-lh'o e fazer-lh'o, tornou o Quim resoluto e encaminhando-se já para a porta do corredor.

—Não senhor, não senhor, balbuciou muito afflicta a cosinheira do major barricadando a porta com o seu corpo, atrevo-me, atrevo-me, eu lhe vou já dizer.

—Bom, bom, então vá.

E mais morta que viva, a cambalear, encostando-se ás paredes para não cahir, a Rita foi pelo corredor fora até á casa de jantar.

Chegada ahi, parou ao pé da mesa onde o major comia o seu bacalhau assado, e estacou, muito pallida, muito atrapalhada, sem ter animo para dar o seu recado.

—Foi-se embora, hein? perguntou mastigando o major Rodrigues.

—Não senhor, balbuciou a Rita engulindo em secco.

—Não foi?

—Não senhor.

—Então não lhe deu o meu recado?

—Dei... sim senhor.

—E então?

—Então não se foi embora.

—Não foi?

—Não senhor.

—E o que disse?

—Eu não me atrevo... tratamudeou a Rita.

—Atreva-se mulher.

—Disse que precisava já já fallar-lhe.

—E não lhe disse que eu agora não estava para aturar massadas?

—Disse, sim senhor.

—Bom, e elle.

—Elle então disse...

—Disse...

—Eu não me atrevo, repetiu a Rita depois de engulir em secco muitas vezes reconhecendo que não podia de facto, que era superior ás suas forças.

O major muito intrigado deixou por momentos o bacalhau e recostando-se na cadeira e voltando-se para a Rita ordenou enfadado, já com voz aspera, voz de poucos amigos.

—Vamos, mulher, desembuche, o que foi que elle disse?

—Disse... que se o sr. major não fosse lá já já, vinha cá buscal-o pelas orelhas.

—Hein? Pelas orelhas? exclamou o major mais admirado do que indignado, pondo-se em pé. Pelas orelhas? Elle disse isso?

—Sim senhor, pelas orelhas, repetiu a Rita já mais senhora de si.

—Mas é o rapaz cá de cima, com certeza? perguntou elle não acreditando que o Quim fosse capaz de tão atrevido ultraje ás suas orelhas militares.

—Sim senhor.

—Você conhece-o bem?

—Ora essa! Conheço-o como os meus dedos, é o mano da sr.ª D. Emilinhas.

—Com certeza?

—Com certeza! Aquelle que ficou ha noites na saleta!

—Sim, é elle mesmo então. Mas elle disse isso?

—Sim senhor.

—Você ouviu bem?

—Oh! senhor, repetiu-o tres ou quatro vezes.

—A rir? por brincadeira, talvez? insistiu o major Rodrigues.

—A rir? Não senhor, a serio e muito a serio!

—Então está bebado! disse o major, achando essa unica explicação para o caso.

—Nada, não senhor, está bom de cabeça e anda muito firme; tanto que como eu me demorava em vir dar a vossa senhoria este recado elle queria vir mesmo dar-lh'o e já vinha a entrar no corredor.

—Essa agora é melhor! Pois esse bolas atreve-se!... disse o major retrocendo os bigodes e matutando na descoberta d'esse phenomeno singular.

—E depois tomando uma resolução, lá sem muita vontade, disse á Rita.

—Vá ao meu quarto e traga-me a minha espada

A criada ao ouvir esta ordem ficou a tremer de pavor e repetiu aterrada!

—A sua espada!

—Sim, a minha espada, ande depressa, despache-se.

A Rita foi toda trémula buscar a espada.

—Aqui está a espada, senhor major, disse ella lacrimosa ao entregar-lhe o sabre, mas peço-lhe uma coisa.

—O que é?

—Que vossa senhoria se lembre de que é casado, que tem mulher e meninas.

—Oh! ainda bem que ellas sahiram! Foi Deus que as inspirou para irem hoje á ribeira, ao menos

não assistirão á tragedia tremenda que se vae passar aqui.

—Ai! meu rico Pae do Ceu! exclamou a Rita, então o senhor major vae matar o irmão da Dona Emilinhas.

—Matar, não digo, mas vou convidal-o muito bem convidado, para que esse biltre aprenda a ir cozel-as para outra parte.

—Mas senhor major...

—Deixe-me passar.

—Veja lá o que vae fazer, supplicou a Rita banhada em pranto

—Eu bem sei o que faço. Deixe-me!

E o major desembainhando a espada com um gesto heroico avançou para o corredor.

E tossindo grosso, arrastando os pés, e fazendo muita bulha com a espada pelas paredes, assumou carrancudo, ameaçador á porta da saleta onde estava o Quim, e fitou-o faiscando raios de colera terrivel.

Quim supportou sem pestanejar todas essas faiscas.

E não se contentou em supportal-as.

Olhando com um desdem soberano para a espada que o major Rodrigues brandia ameaçador, o Quim disse com um sorriso ironico cheio de profundo despreso:

—Para que é isso? Pode deixar lá o chanfalho que não me mette medo.

O major Rodrigues esperava tudo menos isto.

Tinha quasi a certeza de que o Quim, o medroso, o poltrão do Quim, ao vel-o de espada desembainhada e de sobr'olho carregado cahiria desmaiado de terror.

E em vez d'esse desmaio que tinha como certo, o Quim não só não desmaiava, mas até troçava desdenhosamente do seu bellico apparato.

O espanto, e assombro, que lhe causou esta inesperada attitude do Quim foram tão grandes, que o major Rodrigues recuou espavorido.

—Ponha para lá o chanfalho e entre que temos que conversar, disse o Quim avançando para a porta onde o major agora recuava.

—Ah! é o senhor! disse por fim o major, n'outro tom baixando a espada, e fingindo que julgava não ser elle a pessoa que o procurava.

—Sou eu, sou, sim senhor, então quem imaginava que era?

—Não sei, mas não sabia que era o senhor.

—A sua criada não lhe disse.

—Disse-me que era um sujeito que me queria fallar por força.

—Exactamente.

—Um sujeito que se eu não viesse immediatamente me iria buscar pelas orelhas, disse o major, engrossando outra vez a voz, e chegando-lhe de novo a mostarda ao nariz ao relembrar a insultuosa ameaça.

—Exactamente, esse sujeito sou eu.

O major olhou-o muito admirado, como que não acreditando ainda no que ouvia, e mirando attentamente o Quim a ver se era effectivamente o mesmo Quim dos outros dias.

—Sou eu, e estava já para fazer o dito verdadeiro, continuou o Quim avançando sempre para elle.

O major instinctivamente a cada passo que elle avançava, recuava outro, e o dialogo foi assim entrando pelo corredor dentro.

—Ah! pois a criada não me disse que era o meu amigo! tornou o major Rodrigues recuando cada vez mais e mudando completamente de tom.

E á proporção que o major descarregava o sobr'olho, o Quim franzia mais o seu.

—Pois era e sou eu, fique-o sabendo! gritou o Quim.

—Sim senhor, estou-o vendo. Agora sei e vejo. Mas então o que quer o meu amigo de mim. É alguma coisa urgente?

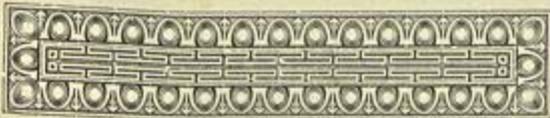
—É! é ugrentissima.

—O que vem a ser então?

—Matal-o! rugiu o Quim avançando sempre.

O major empallideceu e recuou tanto que foi ter á porta da casa de jantar.

(Continúa).

Gervasio Lobato

REVISTA POLITICA

Apesar de entrarmos hoje em anno novo, a nossa revista refere-se ainda ao anno velho, que no momento em que escrevemos está dando a alma a Deos e conta dos seus peccados para que elle lhe perdoe, já que os homens não estão resolvidos a isso, porque é certo que nunca ouvimos dizer bem do anno que acaba, mas sempre descompol-o chamando-lhe coisas feias que exprimem os desgostos e as arrelias que fez passar á humanidade.

Na politica sobre tudo essas descomposturas assumem maiores proporções, pelos descontentes que ficam á espera de alguma benese que lhes satisfaça tanto ao estomago como á vaidade, duas coisas que hoje preoccupam muita gente, e que o anno que passou lhes não poude satisfazer.

Mas de descomposturas ha n'este momento boa colheita, e como se as de casa não chegassem, vem-nos tambem isto de fóra empapelado em jornaes inglezes, que é de ficar abarrotado e impando como o proprio John Bull.

A Africa alem de nos custar dinheiro, tambem nos custa descomposturas, e se não nos custar a pelle devemos ficar muito contentes e obrigados á Inglaterra, que d'esta vez ainda não rompe no excesso humanitario e civilisador de nos convencer pela força dos seus couraçados.

Sem se poder dizer que está terminado o conflicto, pois ainda se anda em troca de notas entre o governo portuguez e o governo inglez, parece que tudo ficará em bem, porque os esclarecimentos que vão apparecendo sobre a questão, dão tanta luz sobre ella, e mostram quão correcto foi o procedimento das auctoridades portuguezas e do major Serpa Pinto, que só uma má vontade, por parte do governo inglez, o que não é de esperar, poderia transtornar um desfecho satisfatorio e digno para ambas as partes.

Não couvem, porém,ficarmos na doce paz da nossa justiça; precisam'o-nos preparar para futuras investidas aos nossos direitos, para o que não faltarão pretextos, e por isso tratemos seriamente dos nossos dominios africanos, pondo-os em via d'exploração aquelles que ainda o não estão, e são uma grande parte, e para isso empreguemos tanto a intervenção directa do Estado, como animemos e promovamos a iniciativa particular, porque só a reunião d'estas duas forças, pode conseguir mais rapidamente a completa occupação e desenvolvimento das nossas possessões africanas.

E emquanto aguardamos o resultado final da investida que a Inglaterra agora nos deu, vamos dizer alguma coisa ao leitor sobre o grande acontecimento d'estes dias, a acclamação de El-Rei D. Carlos I.

Pode ser que esse acontecimento tivesse para os novos grande novidade, para os velhos só teve a novidade de ser a menos acclamação possivel.

Com pezar o dizemos, por bem das instituições e prestigio da monarchia.

Para os que assistiram ás acclamações de El-Rei D. Pedro V e El-Rei D. Luiz I, a festa que ora se realisou, ficou extraordinariamente á quem das festas que então se fizeram.

Pois hoje devia se ter procurado dar toda a grandeza aquelle acto, devia mesmo ter-se promovido uma manifestação mais ruidosa ainda á monarchia, quando outras idéas preoccupam alguns espiritos, no meio da sociedade portugueza

E essa manifestação não seria difficil fazer-se, em Portugal, paiz excencialmente monarchico, e que só o descontentamento pelos maus governos tras retrahido e de má vontade para que expontaneamente se manifeste em actos de publico regosijo.

Este governo presidido pelo sr. José Luciano de Castro tem muita culpa d'esse descontentamento que lavra em todo o paiz e que não póde deixar de se revelar n'esta occasião, na maneira indifferente e até reservada com que o publico assistiu ás festas officiaes da acclamação.

Nós sentimos que a abstenção completa das demonstrações de regosijo popular, impressionasse o rei, como de desagrado a elle, mas a abstenção do povo não levou em mira desgostar o rei senão mostrar-lhe o desagrado pelos seus ministros.

Eis porque se disse quando o governo ganhou as ultimas eleições que elle as ganhara materialmente, mas as perdera moralmente. Eis porque a urna não é a expressão da vontade popular, mas a das auctoridades que manipulam os recenciamentos e transaccionam com os influentes sobre as suas pretenções, e porque nos processos eleitoraes não se observa toda a liberdade que a Carta Constitucional lhes garante em principio, as eleições não são a expressão da vontade do povo.

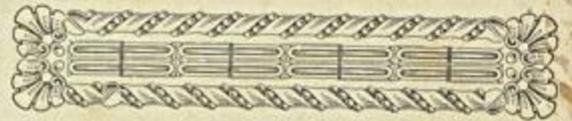
Quando, pois, se hade revelar essa vontade, sem sahir dos limites da ordem, senão n'estes actos publicos em que o povo mostre o seu descontentamento.

Nem uma unica freguezia, nem uma unica corporação de classe, nem uns moradores d'uma rua, fizeram manifestações de regosijo, levantando um arco triumphal, desfraldando uma bandeira, fazendo umas illuminações, percorrendo a cidade philarmonicas de artistas, nada na palavra, nada revelou o mais leve regosijo popular das classes trabalhadoras e contribuintes.

E é comparando este procedimento de hoje com o de ha trinta annos, quando Lisboa toda se armava em festa para solemnisar a acclamação dos reis de Portugal, que nós sentimos a que ponto tem decahido as instituições nas mãos dos governantes que as tem desprestigiado.

Ultimamente, porém, a decadencia cada vez é maior e o descontentamento vai augmentando, em vista da marcha dos negocios publicos tão inhabilmente dirigidos e tão immoralmente explorados.

Amanhã vae abrir-se o parlamento e continuarem-se as scenas escandalosas que ficaram suspensas da ultima sessão, discutindo-se essa enfiada de vergonhas que se chamam *tramoia dos quatrocentos e quarenta e nove contos*, *Leixoada*, *Companhia Vinicola*, *titulos Hersent* e tantas outras que formaram o mais triste espectaculo que o parlamento tem apresentado n'estes ultimos annos.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Um Album. — O sr. André Meyrelles de Tavora do Canto e Castro recebeu dos portuguezes de Macau uma mensagem de agradecimento pela maneira como o sr. Meyrelles tem pugnado no seu *Jornal das Colonias* pela regeneração da India Portugueza.

Esta mensagem, assignada por grande numero de macaenses, é escripta em pergaminho com illuminuras nas quatorze paginas de que se compõe, tendo no alto da primeira pagina uma vista de Hong-Kong delicadamente pintada. Uma rica pasta de peluxe azul forrada interiormente de setim da mesma côr, capea a mensagem.

Na frente da pasta abre-se ao meio uma oval entre uma corôa de louros lavrada em prata circundando uma primorosa miniatura do sr. Meyrelles; na parte superior da pasta vê-se um brazão d'armas, e a ligar a corôa de louros uma fita que se prolonga com a palavra *Souvenir* em relevo, tudo tambem de prata. Os quatro angulos da pasta tem cantos de prata.

E' um lindo album.

Uma Carta de Christovão Colombo. — A bibliotheca de Paris teve offerta da reproducção da carta de Christovão Colombo em que annuncia para a Europa a descoberta da America. Esta reproducção feita em Barcelona em 1497 logo no começo da typographia, está reputada em 3:00 duros. A bibliotheca de Paris, porem, não comprou este exemplar raro, porque achou muito elevado o seu preço.

O Codigo Commercial Portuguez traduzido. — Acaba de ser traduzido em Paris o *Codigo Commercial Portuguez*. Foi traduzido em francez por Mr. Ernest Sehr, doutor em direito e professor honorario de legislação comparada na Academia de Lansanna, consultor da embaixada de França, na Suissa e membro do Instituto de Direito Internacional.

A impressão do codigo foi feita, por ordem do ministro da justiça Mr. Ferrand, na imprensa do Estado, o qual dirigiu a impressão na qualidade de conselheiro do tribunal de cessação e membro da direcção da Sociedade de Legislação Comparada.

A traducção d'este codigo faz parte da collecção dos principaes codigos estrangeiros, traduzidos pela commissão de legislação estrangeira, creada em 1876, Mr. Dufaure junto do ministerio da justiça de França.

Caminho de Ferro de Ambaca. — Foi aberta, á exploração em 28 do mez findo, a 2.ª secção do caminho de ferro de Loanda a Ambaca, na extenção de 40 kilometros. Felicitamos a provincia de Angola por mais este melhoramento.

Uma boneca que falla. — O celebre Thomaz Edison, offereceu á filha do fallecido archi-duque Rodolpho, a pequena archi-duqueza Izabel, uma boneca-phonographo da sua invenção.

Esta curiosa boneca, recita varias poesias e uma ode, composta em tempo pela princeza Valeria, para offerecer a seu pae, o imperador Francisco José, por occasião do seu anniversario natalicio.

Ilha de Monte-Christo. — Esta ilha, que Alexandre Dumas tornou celebre com o seu romance *O Conde de Monte-Christo*, foi ultimamente comprada pelo marquez Carlo Guigeononi, grande millionario florentino, para n'ella construir um castello monumental e estabellecer uma povoação, nas suas margens. Edificará tambem um eremiterio em sitiu mais retirado.

Para dar principio á obra já embarcou de Italia para aquella ilha um partido de 500 operarios.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista Popular *de conhecimentos uteis periodico semanal illustrado* etc., Lisboa: n.º 83 com que completou o segundo anno de publicação esta magnifica revista.

Portugal Militar *exercito e armada, grande album de uniformes* por J. J. Caldeira Pires, capitão do estado maior de infanteria e Alfredo Roque Gameiro. Lisboa. Com este titulo vae em breve sahir a publico um album especialmente dedicado ao exercito, reunindo figurinos de todos os uniformes militares, condecorações e medalhas militares e uma carta militar do paiz, etc.

Hymno de S. M. El-Rei D. Carlos I *composto para a sua acclamação* por Henrique Muller Junior. Lisboa. Este hymno, que mal podemos ouvir tocar no piano, não nos desagradou ainda que o achamos pouco expressivo e marcial como é proprio d'este genero de composições musicaes.

Marrocos por Edmundo de Amicis com illustrações por E. Ussi e C. Biseo. Companhia Nacional Editora. Lisboa. Fasciculo 57.

Horario das correspondencias da ultima hora publicado pela Casa Favorita, Lisboa.

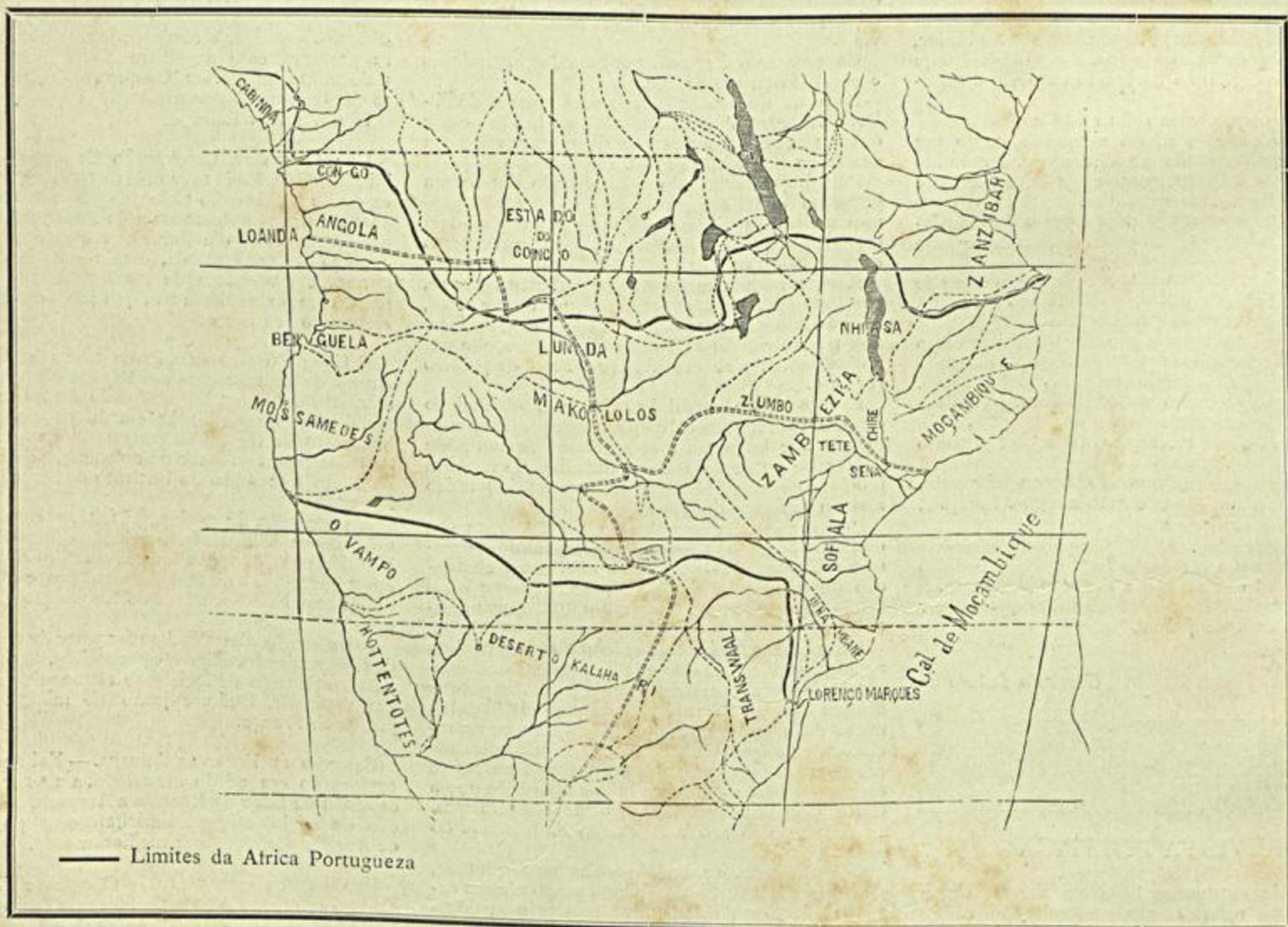
Revista Archeologica *estudos e notas* publicados sob a direcção de A. C. Borges de Figueiredo. Lisboa. Ultimo fasciculo com que concluiu o terceiro anno de publicação.

Instituições Christãs *revista quinzenal religiosa, scientifica e litteraria, orgão da Academia de Santo Thomaz d'Aquino, no Seminario Episcopal de Coimbra etc.* Publicada com approvação do ex.mo sr. bispo conde D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, sob a direcção do arcediago Antonio José da Silva. Coimbra, n.º 9 do VII anno, 2.ª serie.

ERRATA

Em o n.º 396, pagina 286, columna 2.ª linha 66 onde se lê «quando a 15 d'este anno etc.» deve lêr-se «Quando a 15 de agosto d'este anno etc».

O CONFLITO ANGLO-PORTUGUEZ

O MAJOR SERPA PINTO

MAPPA ESBOÇADO DA AFRICA PORTUGUEZA, COM A INDICAÇÃO DE LIMITES DOS TERRITORIOS PORTUGUEZES

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores. — *Rua Nova do Loureiro, 25 a 43.*